

 <p>ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN FAMECOS PUCRS</p>	<h1>REVISTA FAMECOS</h1> <p>mídia, cultura e tecnologia</p> <p>Revista FAMECOS, Porto Alegre, v. 27, p. 1-16, jan.-dez. 2020 e-ISSN: 1980-3729   ISSN-L: 1415-0549</p>
<p><a href="https://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2020.1.36733">https://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2020.1.36733</a></p>	

## JORNALISMO

## Proximidade e espaços televisivos no telejornalismo regional: o caso do MG1 Zona da Mata

*Proximity and television spaces in regional television journalism: the case of MG1 Zona da Mata*

*Proximidad y espacios televisivos en el periodismo televisivo regional: el caso de MG1 Zona da Mata*

**José Tarcísio Oliveira Filho<sup>1</sup>**

0000-0002-5006-9511  
[jtarcisiofilho@gmail.com](mailto:jtarcisiofilho@gmail.com)

**Recebido em:** 19/12/2019.  
**Aprovado em:** 8/11/2020.  
**Publicado em:** 7/01/2021.

**Resumo:** O artigo reflete e problematiza as perspectivas teóricas que se propõem a organizar e a conceituar os jornalismo locais e regionais, como as oriundas da Geografia, da Comunicação e da Sociologia. A noção de proximidade é discutida enquanto uma relação entre o usuário e os espaços televisivos de noticiários regionais. Com o intuito de refletir sobre sua aplicação na empiria, são desenvolvidos quatro operadores analíticos: canais de participação, espaço cênico, editoriais/temáticas e retórica da transmissão direta. A análise foi realizada por meio da visualização de 12 edições do Praça 1 MG1 da TV Integração Zona da Mata e Campo das Vertentes de Minas Gerais. Foi identificado que a performance dos jornalistas, a organização das editoriais, o efeito de presente constante e a inclusão de valores culturais que perpassam pela sociedade atuam como demarcadores simbólicos nas relações de proximidade do telejornal regional.

**Palavras-chave:** Proximidade. MG1. Telejornalismo regional.

**Abstract:** This paper reflects and problematizes on the theoretical perspectives that propose to organize / conceptualize local and regional journalism, such as from Communication Geography and Sociology. The notion of proximity is discussed as a relation between the user and the television spaces of regional news. In order to reflect about its application in empirics, four analytical operators were developed: participation channels, scenic space, themes and rhetoric of direct transmission. The analysis was performed through the visualization of twelve editions of Praça 1 MG1 exhibit by TV Integração Zona da Mata and Campo das Vertentes region of Minas Gerais state, Brazil. It was identified that the performance of journalists, the organization of the editorials, the present effect and the inclusion of cultural values that permeate society act as symbolic aspects in the proximity relations of regional television news.

**Keywords:** Proximity. MG1. Regional TV journalism.

**Resumen:** El trabajo reflexiona sobre las perspectivas teóricas que proponen organizar / conceptualizar el periodismo local y regional, como las de Geografía de comunicación y Sociología. La noción de proximidad se discute como una relación entre el usuario y los espacios televisivos de noticias regionales. Para reflexionar sobre su aplicación en empirica, se desarrollan cuatro operadores analíticos: canales de participación, espacio escénico, temas y retórica de transmisión directa. El análisis se realizó a través de la visualización de doce ediciones del Praça 1 MG1 de TV Integração Zona da Mata y Campo das Vertentes del estado de Minas Gerais, Brasil. Se identificó que el desempeño de los periodistas, la organización de los editoriales, el efecto presente y la inclusión de valores culturales que impregnan la sociedad actúan como marcadores simbólicos en las relaciones de proximidad de las noticias de televisión regionales.

**Palabras clave:** Proximidad. MG1. Teleperiodismo regional.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

<sup>1</sup> Universidade Federal de Roraima (UFRR), Boa Vista, RR, Brasil.

## Introdução: jornalismo locais e alguns conceitos balizadores

O conceito de jornalismo locais<sup>2</sup> é amplo e distante de um consenso teórico. Peruzzo (2005) diz que o conteúdo local sempre esteve presente nos meios de comunicação, sejam eles jornais, impressos ou televisão. Neste último caso, sendo os noticiários os principais programas. A autora chama atenção para três aspectos que problematizam a mídia local-regional no século XXI: o primeiro são as relações global-local, local-regional-nacional, local-comunitário e local-global, no que tange à noção de fronteiras. Para a pesquisadora, no meio regional as fronteiras se tornam mais tênues, sendo difícil definir limites precisos entre o regional, o local e o comunitário. O segundo é relativo ao território, que passa a extrapolar a mera delimitação geográfica, considerando também dimensões culturais (língua, tradições, valores, religião etc.), identitárias, ideológicas, entre outras. O último aspecto se refere à globalização, mais precisamente sobre a relação global-local. Peruzzo (2005) defende que o global não sufoca o local, sendo que "a realidade vai evidenciando que o local e o global fazem parte de um mesmo processo: condicionam-se e interferem um no outro, simultaneamente" (PERUZZO, 2005, p. 74).

Alguns autores que lidam com a Geografia da Comunicação, como Aguiar (2016), têm proposto matrizes classificatórias que auxiliam a compreender e a organizar os desafios teóricos apontados por Peruzzo (2005). Aguiar (2016) considera que o *jornalismo de interior*, o *jornalismo local* ou o *jornalismo regional* se dedicam "a maior proximidade geográfica em relação aos fatos que reportam, com os leitores que privilegiam e com as fontes às quais dão voz; e a forte identidade sociocultural e político econômica com os territórios em que circulam" (AGUIAR, 2016, p. 18). É interessante que o trabalho de Aguiar (2016) se concentra no uso de escalas geográficas para compreender a área de atuação dos veículos de comunicação, sejam eles locais, regionais,

nacionais ou globais. A autora demarca essa necessidade após um exaustivo trabalho de revisão bibliográfica que identificou que não há um consenso no emprego das diversas classificações sobre área de abrangência de produção e distribuição dos jornalismo. Assim, Aguiar (2016) desenvolve uma proposta de tipologia de cinco escalas para situar os recortes de análise e as escolhas dos níveis de análise. Em resumo, são elas: 1) *Escala Local*, que pode ser classificada ainda nos níveis hiperlocal (rua, prédio público, quadra), microlocal (quarteirão, sub-bairro, comunidades rurais), mesolocal (município, cidade, centro urbano) ou macrolocal (metrópole, região metropolitana), de acordo com a abrangência de sua atuação; 2) *Escala Regional*, que possui os níveis microrregionais (aglomerado de pequenas cidades), mesorregionais (aglomerado de cidades em torno de uma cidade-polo), estaduais (unidade da federação) e macrorregionais (divisão político-administrativa); 3) *Escala Nacional*, que se refere ao nível do país/nação; 4) *Escala Internacional*, relativa aos níveis de um continente ou uma região; e 5) *Escala Global*, que se refere ao nível mundial (AGUIAR, 2016, p. 57).

Sobre a proposição de escalas, por um lado auxilia a identificar que a mídia televisiva hegemônica (comercial) brasileira se organiza na escala regional. Os Praças 1 e 2, por exemplo, telejornais intitulados pelo próprio discurso institucional como "locais" e produzidos pela TV Globo e suas afiliadas de Norte a Sul do País, seriam melhor classificados, conforme Aguiar (2016), como telejornais regionais – já que atuam em um conglomerado de pequenas cidades ou em torno de uma cidade-polo (escala regional). Por outro lado, ao mesmo tempo em que tal perspectiva auxilia a organizar o espaço geográfico de atuação dos noticiários, também se mostra até certo ponto rígida ao não conseguir englobar as dinâmicas que desestabilizam os limites e as fronteiras que perpassam pelos jornalismo contemporâneos.

Alguns estudos que também lidam com a

<sup>2</sup> Ao se aprofundar sobre o conceito de jornalismo local, tanto no campo da Comunicação quanto nas suas inter-relações com outras áreas, como na Geografia e na Sociologia, faz-se considerar uma pluralidade de jornalismo locais. A flexão do conceito para o plural se deve principalmente ao reconhecimento de que o(s) jornalismo(s) adquire(m) diferentes formas conforme a diversidade de contextos e realidades socioculturais – ou, em outras palavras, de acordo com os distintos "locais".

Geografia da Comunicação reconhecem essa lacuna ao fazer um entrelace com a Sociologia. O modelo *geossocial* das pesquisadoras australianas Hess e Waller (2017) é uma perspectiva que considera que os jornais locais e regionais têm forte vínculo com o território geográfico onde atuam, mas reconhece também um espaço social que desempenha um papel no fluxo, na mobilidade e nas redes de mídia e de comunicação mais amplas. Essa percepção considera que as mídias e os jornalismo locais não atuam de forma a servir somente à audiência de uma determinada área geográfica (HESS; WALLER, 2017, p. 37). Utilizando do preceito de lugar de Yi-Fu Tuan e os estudos de Carrie Buchanan, as autoras citam a concepção de "senso de lugar". Segundo a concepção, os meios de comunicação locais geram um senso de lugar entre os leitores, pois reúnem nas notícias veiculadas perspectivas históricas, regionais, nacionais e internacionais e, assim, colocam os leitores no contexto do mundo. Nesse processo de colocar os leitores a par do que acontece nas diferentes escalas geográficas, também os fazem reconhecer o lugar onde vivem. Esse reconhecimento do senso de lugar não necessariamente envolve a presença física, visto que uma pessoa que mora distante de sua cidade natal (ou do lugar de interesse) pode continuar desenvolvendo o senso de lugar por meio do consumo, geralmente via ambiente digital, das notícias produzidas pelos jornais daquela cidade.

Hess e Waller (2017, p. 56) consideram que fatores sociais, emocionais e econômicos são alguns dos que fomentam a criação do senso de lugar. O modelo possibilita compreender o porquê das pessoas que vivem em determinado lugar quererem saber de acontecimentos que ocorrem em outros espaços e, até certo ponto, demonstra os limites de tomar a área de produção e consumo das notícias locais e regionais apenas pela área geográfica, conforme as perspectivas das escalas (AGUIAR, 2016). A partir do momento em que se supera a perspectiva dos jornalismo locais e regionais apenas relacionada aos limites físicos,

também se abre caminho para refletir sobre um dos pilares do conceito, a noção de proximidade.

Nesse artigo, o conceito de proximidade é acionado para visualizar como os telejornalismo regionais criam estratégias para se aproximarem de seus públicos. Assim, supera-se apenas as delimitações físicas, passando a considerar aspectos simbólicos por meio da concepção de espaços televisivos (ECO, 1984; LEAL; VALLE, 2008). A proximidade é abordada enquanto uma relação entre os sujeitos e os espaços televisivos, servindo de base para a construção dos quatro operadores analíticos: canais de participação, espaço cênico, editoriais/temáticas e retórica da transmissão direta. O processo de análise considerou 12 edições do *Praça 1 MG1* da TV Integração Zona da Mata e Campo das Vertentes de Minas Gerais, com sede na cidade de Juiz de Fora.

### A proximidade e os espaços televisivos

A proximidade frequentemente é abordada na discussão sobre os jornalismo locais. Peruzzo (2005, p. 69), por exemplo, diz que "mídia local denota uma comunicação baseada em informação de proximidade". Já pesquisadores portugueses e espanhóis, como Camponez (2002), Sousa (2002) e Fontcuberta (2006), consideram a existência de um *jornalismo de proximidade*. Fontcuberta (2006) afirma que há dois eixos de proximidade entre o jornalismo e o público: o geográfico e o temático, esse último corresponde à priorização de determinados conteúdos de acordo com campos especializados, como política, economia e cultura. O poder da proximidade geográfica não estaria somente na delimitação física do acontecimento em sua vinculação com a audiência, mas também em suas vertentes sociais e culturais. Fala-se sobre a *democracia das paixões* no jornalismo, em que "as notícias que provocam os sentimentos mais primários, como medo, dor, ira e amor, interessam a muita gente, pois dão ressonância pública a vivências pessoais em que as pessoas podem se ver representadas" (FONTCUBERTA, 2006, p. 77, tradução nossa).<sup>3</sup> Em uma via semelhante, Camponez (2002, p. 19) cita a

<sup>3</sup> Do original: [...] las noticias que provocan los sentimientos más primarios (dolor, miedo, ira, amor) interesan a mucha gente pues dan resonancia pública a vivencias personales en las que cada uno puede verse representado.

“forte territorialização, a territorialização dos seus públicos, a proximidade face aos agentes e às instituições sociais que dominam esse espaço, o conhecimento dos seus leitores e das temáticas correntes na opinião pública local”. É interessante observar como a proximidade interfere, inclusive, nas temáticas dos jornalismo locais e regionais. Sousa (2002) afirma que tais jornalismo têm por especificidade ser um espaço de compartilhamento de convívio e de conveniências. Assim, destaca a função informativa e utilitária como sendo o coração das mídias local e regional. Essa troca de informação útil, segundo Sousa (2002), contribuiria para a formação de vínculos e para a integração constante dos membros da comunidade.

Tais reflexões apontam que a proximidade nas discussões sobre os jornalismo locais e regionais é apropriada de uma forma distinta se comparada com a visão clássica de um valor notícia (GOLDING; ELLIOT, 1979; SILVA, 2005; LAGE, 2012). Em estudo anterior (OLIVEIRA FILHO, 2019), foi constatada essa particularidade e demonstrado que seria mais coerente pensar na proximidade no contexto local e regional para além de algo dado, passível de ser mensurado por um valor notícia. Com o intuito de englobar os aspectos que lidam com a identidade (CASTELLS, 2010; HALL, 2015), foi proposto lidar com a proximidade enquanto uma relação entre o sujeito e os noticiários locais e regionais. Para isso, foram elaboradas quatro possíveis relações de proximidade: telejornal-audiência; telejornal-território; telejornal-jornalistas; e formato-audiência (OLIVEIRA FILHO, 2019).

Neste trabalho, pretende-se avançar em relação ao estudo anterior a partir do momento em que se verifica a necessidade de se aprofundar na particularidade da televisão no âmbito dos jornalismo locais e regionais. Para isso, considera-se a existência de espaços televisivos que servirão de base para a formulação de novos operadores analíticos para observar as relações de proximidade. Em síntese, teóricos dos Estudos Culturais (WILLIAMS, 2016; GOMES, 2011), defendem que a televisão está inserida na vida cotidiana, permitindo inclusive afirmar que nasce a partir de uma configuração sociocultural e his-

tórica específica. Assim, mesmo a TV sendo capaz de criar um mundo próprio, que é denominado de espaço televisivo, é necessária a interlocução com a realidade social para que esse mundo seja reconhecível. Uma perspectiva que permite observar essa relação é a da neotevê de Eco (1984).

A concepção da neotelevisão é descrita por Eco (1984) em uma comparação com a paleotelevisão. Essa última seria o retrato do primeiro modelo de televisão, que pregava o discurso de falar do mundo exterior (janela) e lidar com o espectador enquanto membro de uma coletividade. Já a neotelevisão falaria sempre a partir de si mesma e do contato que estabelece com o público (ECO, 1984). Isso não quer dizer que a neotevê não teria interlocução com a sociedade: uma de suas características seria justamente a de considerar a inserção da mídia televisiva no cotidiano do espectador – que agora é visto como individualizado. Leal e Valle (2008), em um trabalho mais recente, ressaltam que a marca da proximidade se torna central nessa concepção de televisão, já que “o espaço televisivo se confunde com o do cotidiano, através da relação afetiva e convivial do espectador. Assim, [...] cada vez mais se torna ‘um lugar de vida’ para o espectador” (LEAL; VALLE, 2008, p. 2). O que chama atenção nessa afirmação é que a maneira da neotelevisão operar seria por meio de um espaço televisivo autorreferencial, “movida pelo contato com o espectador e pela constituição de um ‘espaço liminar’ que estabelece a continuidade do espaço do vídeo com o da casa” (Leal; Valle, 2008, p. 3). Entre os elementos constituintes desse espaço, estariam os diferentes olhares para a câmera, a construção de um sentido de verdade em seus enunciados, o papel das fontes na configuração do efeito de veracidade, os eventos encenados para televisão e a performance dos apresentadores (ECO, 1984).

Devido à data de publicação do trabalho de Eco (1984), é necessária uma ressalva sobre o fato de que a televisão de hoje é diferente daquela preconizada como neotevê – seja pela multiplicidade dos fluxos televisivos, pelas diferentes telas e pela inserção/contato com as plataformas digitais. Mas a concepção é válida

por propor a existência de espaços televisivos que surgem a partir do diálogo com os espaços sociais e a interação com os espectadores. Neste sentido, considera-se oportuna a identificação dos componentes do espaço televisivo que de certa forma refletem (e demarcam) o cotidiano na TV contemporânea. Tais elementos tornam-se centrais para a formulação dos quatro operadores de análise desenvolvidos com o intuito de observar as relações de proximidade estabelecidas nos noticiários. São eles:

*a) canais de participação:* considerando o telespectador enquanto um usuário e produtor de conteúdo na sociedade das mídias digitais (MARTINO, 2015), busca-se observar a participação do público nos telejornais via, por exemplo, canais institucionais. A participação aqui não é apenas ligada a enquetes ou a sugestão de matérias, mas também à produção e à veiculação de conteúdo produzido pelo usuário (CANNITO, 2010) e à reflexão acerca dos conteúdos institucionais. O operador possibilita observar as relações de proximidade entre o telejornal e a audiência; e o formato e a audiência;

*b) espaço cênico:* tem o intuito de observar como o estúdio, os corpos e as enunciações contribuem na emergência das relações de proximidade e dos sentidos de cotidiano. Partindo da lógica do corpo como texto que incorpora códigos sociais (LEAL, 2006), a performance se constitui como uma forma de identificar os códigos que fazem parte da cultura e da sociedade em que o noticiário está inserido. As performances possíveis de serem analisadas não se restringem às dos sujeitos de fala, como os apresentadores, repórteres e entrevistados, mas também daqueles corpos que também não têm voz – como a população enquadrada pela câmera das reportagens. O operador permite observar as relações de proximidade entre o telejornal e a audiência; e o telejornal e os jornalistas;

*c) editorias/temáticas:* a temática das editorias possibilita verificar qual é o cotidiano local/regional construído pelo noticiário – e em uma via paralela, qual é o cotidiano que é apropriado pelo telejornal. Os conceitos da *Factual TV* (HILL, 2007) compõem os bastidores deste operador que funciona na premissa do telejornal enquanto um gênero informativo que fala de assuntos não ficcionais e do dia a dia da realidade sociocultural onde está inserido. Considera-se identificar como o modelo *geossocial* (HESS; WALLER, 2017), na especificidade da desterritorialização das notícias, opera no noticiário. Possibilita visualizar as relações de proximidade entre o telejornal e o território; e do telejornal com a audiência;

*d) retórica da transmissão direta:* permite verificar quais as estratégias e os sentidos do telejornal na construção do espaço-tempo do presente na transmissão e nas unidades englobadas e englobantes (FECHINE, 2003, 2008) do noticiário, como reportagens ao vivo, quadros específicos e entrevistas. Os recursos podem ser discursivos ou como parte dos elementos de composição audiovisual (edição). São também úteis para compreender como o telejornal constrói um sentido de atualidade, considerado um dos valores do jornalismo moderno (GUTMANN, 2012). O operador permite refletir sobre as quatro relações de proximidade.

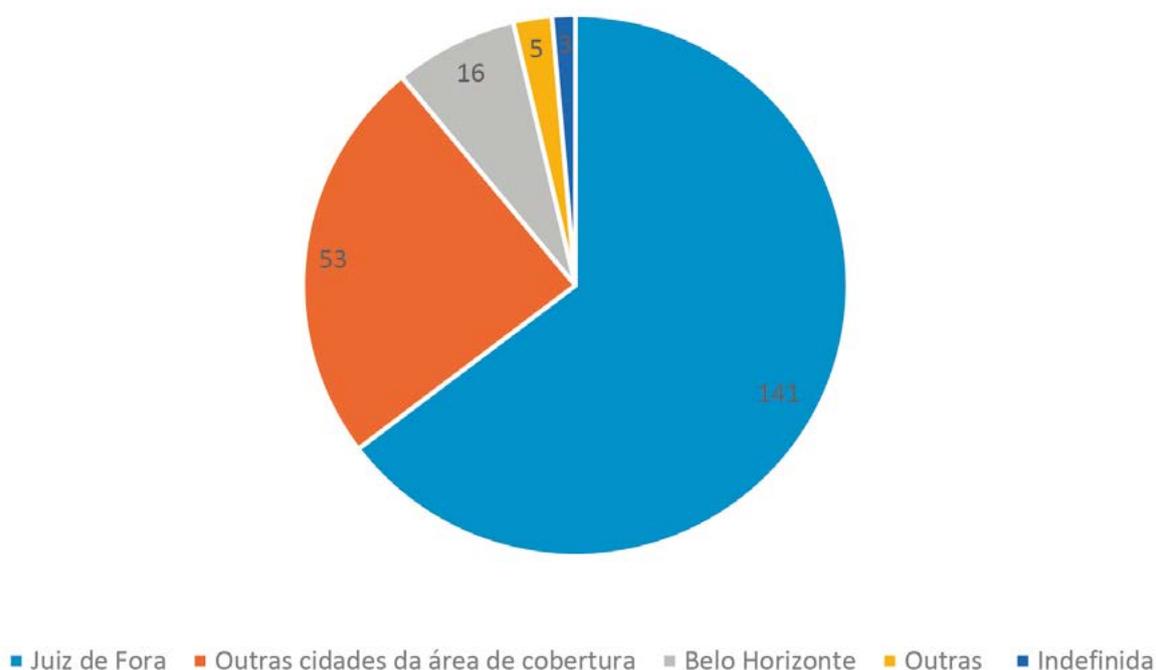
Para a análise foi escolhido o Praça 1 MG1 da TV Integração, com sede em Juiz de Fora, Minas Gerais, responsável pela cobertura em 102 cidades das regiões da Zona da Mata e do Campo das Vertentes e com dois milhões de telespectadores potenciais (GLOBO, 2019). Foi realizada a visualização na íntegra de 12 edições coletadas entre os dias 10 e 15 de junho de 2019 e os dias nove e 14 de dezembro de 2019, totalizando duas semanas de exibição. A seleção das datas se deve à mudança do telejornal: na primeira coleta o noticiário era intitulado de *MGTV 1ª Edição*. Ainda no mês de junho de 2019 ele passou a se chamar *MG1*, modificando também o espaço cênico e a

composição audiovisual das notícias.<sup>4</sup> Portanto, considerou-se pertinente a segunda coleta a fim de contemplar a nova fase do telejornal, que se define mais interligado com as múltiplas telas e às plataformas digitais.

### Alguns olhares no *MG1*

Ao longo das 12 edições analisadas, foram exibidas 235 notícias no *MG1* Zona da Mata e Campo das Vertentes. Se tomar apenas a localização geográfica de produção como referência, a cidade sede da emissora registrou mais do que o dobro de notícias das outras cidades que compõem a área de cobertura (Gráfico 1).

**Gráfico 1** – Localização geográfica das notícias



**Fonte:** Elaborado pelo autor (2019).

No entanto, como apontado na reflexão teórica, interessa ir além da mera localização geográfica para observar quais outros elementos das notícias e do espaço televisivo atuam como geradores de proximidade, por meio dos quatro operadores formulados. Se em trabalhos anteriores foi identificado o fenômeno das matérias desterritorializadas (OLIVEIRA FILHO, 2018, 2019), aquelas em que não era possível identificar o local de gravação, e, por isso, os aspectos simbólicos atuavam como fundamentais na relação do assunto com a audiência, nesta análise foi possível

observar o fenômeno de matérias multiterritoriais. A estrutura desse tipo de reportagem segue a seguinte lógica: uma cidade serve de cenário para a equipe de reportagem onde são gravadas as imagens, as sonoras e a passagem do repórter e, em algum momento da narrativa, são citadas as outras cidades que, de certa forma, se relacionam com o tema. Um exemplo é a matéria exibida no dia 14 de junho sobre o Circuito Turístico Serras de Minas, em Ubá. Além de mostrar uma feira turística na cidade, a reportagem também exibiu um mapa (Figura 1) com outras quatro cidades

<sup>4</sup> Por motivo de fluidez textual, neste artigo utiliza-se *MG1* para designar o Praça 1 da TV Integração da Zona da Mata e Campo das Vertentes com sede em Juiz de Fora. No entanto, é feita a ressalva de que no primeiro período de análise o telejornal era intitulado de *MGTV 1ª Edição*.

que fazem parte do circuito: Canaã, Guaraciaba, Presidente Bernardes e Viçosa. Logo após, uma artesã do município de Viçosa, que estava na feira

em Ubá, deu uma entrevista falando sobre o seu trabalho e a importância da ação para a região.

**Figura 1** – A reportagem multiterritorial sobre o Circuito Turístico Serras de Minas



**Fonte:** Captura e montagem de imagens realizada pela autora com base em MG1, 2019/ no site oficial da emissora.

Essa recorrência das reportagens que citam diversas cidades, mesmo que a equipe de reportagem não as visite, pode ser vista como uma estratégia de fazer com que emerge o sentido de ser lembrado pelo noticiário. Cabe ressaltar que nem sempre é preciso citar uma determinada cidade da área de cobertura para evidenciar as ligações socioculturais da audiência com a notícia. No que tange os laços que são compartilhados pelas pessoas que possuem origens identitárias em comum, pode-se considerar as matérias feitas na capital mineira, Belo Horizonte, que foram exibidas no *MG1*.<sup>5</sup> São os casos das que mostraram as discussões na Assembleia Legislativa – cujas decisões políticas impactam o Estado como um todo. São assuntos de interesse dos mineiros, entre eles, os jogos estudantis estaduais, o pagamento dos servidores do Estado e o corte no programa escola integral.

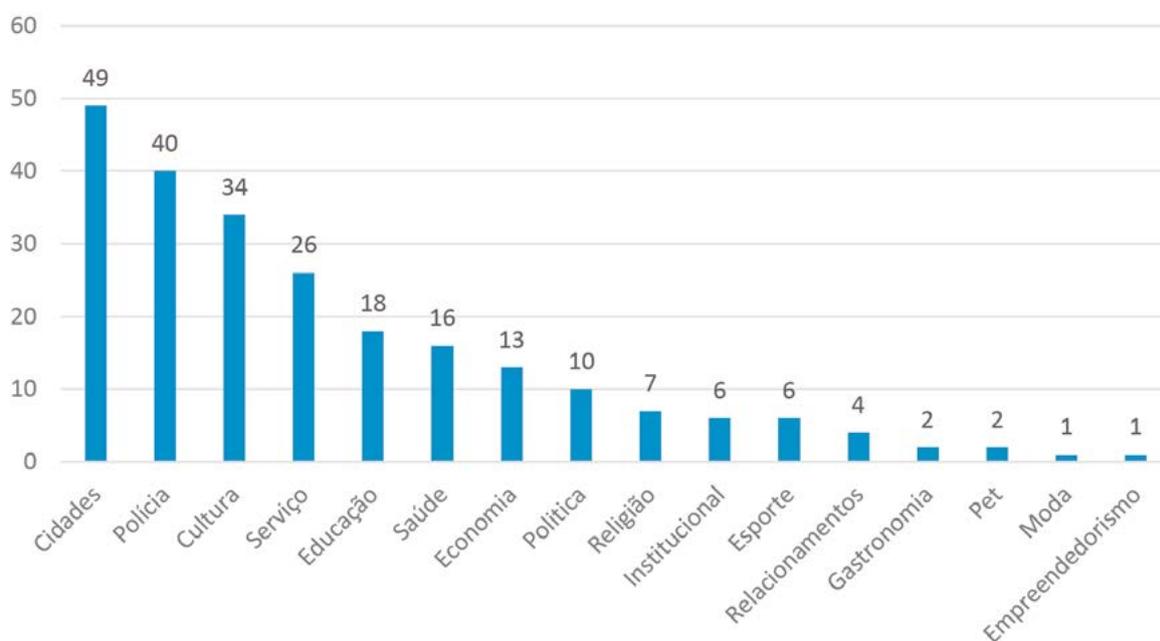
Sobre o cultivo do *senso de mineiridade*, é possível fazer relação com as matérias que lidam com a cultura regional e a formação da imagem do mineiro. Em três reportagens exibidas no período de análise foram destacadas ações de voluntariado – como as festas juninas realizadas com o intuito de arrecadar recursos para hospitais

e instituições filantrópicas, e o varal solidário para coleta de roupas de frio. Houve, ainda, o caso da campanha *Árvore do MG1*, exibida em todas as edições do segundo período de análise, em que o telespectador é convidado a entregar presentes na sede da emissora para, posteriormente, serem encaminhados para creches públicas. No caso da já citada matéria do Circuito Turístico Serras de Minas, o artesanato e o *sobe som* da dupla de música caipira atuaram como demarcadores da cultura mineira. Há, ainda, o papel da religião. Foram sete matérias sobre religião nas doze edições analisadas – todas de celebrações católicas.

Portanto, diante da alta incidência de matérias gravadas em Juiz de Fora, tais aspectos simbólicos sobre o ser mineiro (da Zona da Mata e do Campo das Vertentes) podem ser importantes para a construção do *ser local* pelo telejornal. A estratégia se torna coerente pela própria incapacidade do *MG1* em abordar, em cada edição, os 102 municípios que compõem a área de cobertura.

O operador relativo às editorias/temáticas se mostra importante para compreender o cotidiano que é figurado pelo telejornal. O gráfico a seguir (Gráfico 2) demonstra a compilação dos assuntos das notícias no período de análise:

<sup>5</sup> A capital de Minas Gerais, Belo Horizonte, não faz parte da área de cobertura da TV Integração com sede em Juiz de Fora.

**Gráfico 2** – As temáticas das notícias no *MG1* da Zona da Mata e Vertentes

**Fonte:** Elaborado pelo autor (2019).

Foram registradas 16 temáticas e a de serviço merece uma consideração à parte. Apesar de 26 notícias serem enquadradas como serviço, a maioria relativa ao quadro institucional "Tome Nota",<sup>6</sup> identifica-se que tal temática flui por todas as outras. Nas notícias sobre o Sistema de Seleção Unificada (Sisu), por exemplo, exibidas em três edições analisadas, a apresentadora Érica Salazar sempre lembrava na nota pé ou na passagem de bloco sobre o prazo de inscrição. Em uma delas, disse: "e a gente também te lembra que o resultado do Sisu já está na internet e amanhã começa o período de pré-matricula dos candidatos. Se liga no prazo, hein. Até já". No fim das matérias culturais, como a entrevista sobre *blues* em 13 de junho, a apresentadora também concedeu o serviço, como data e hora das apresentações, e o valor do ingresso.

Verifica-se, portanto, que o caráter de utilidade atravessa as diferentes temáticas e conduz a própria enunciação dos sujeitos de fala ao longo do jornal, sendo, inclusive, um desafio considerar o serviço como uma temática – já que geralmente é abordado

em conjunto com outras editorias, como cidade, polícia, cultura, empreendedorismo e saúde. Considera-se, ainda, que o caráter de ser um programa útil faz parte da própria inserção do *MG1*, enquanto telejornal regional, no cotidiano de sua audiência.

Sobre as demais temáticas, destacam-se três (reforça-se: em conjunto com o serviço) que atuam como principais definidoras do cotidiano do telejornal: polícia, cidades e cultura. Mas a forma como cada uma aparece ao longo das edições varia conforme o dia da semana. Nas segundas-feiras (10/06 e 09/12) e terças-feiras (11/06 e 10/12), por exemplo, foram registradas apenas duas notícias de cultura. Nestas edições, a maioria das reportagens foi das editorias de polícia e cidade. Na quarta-feira (12/06 – véspera de feriado), a temática de cultura foi a de segunda maior incidência no telejornal, com quatro notícias. Nas sextas-feiras (14/06 e 13/12), véspera do final de semana, e nos sábados (15/06 e 14/12), foi a editoria com maior número de notícias, variando entre quatro e sete incidências por edição.<sup>7</sup>

<sup>6</sup> O quadro "Tome Nota" consiste em um painel em que por meio de caracteres e da narração da apresentadora são concedidas informações sobre algum evento.

<sup>7</sup> Nos dias 13 e 14 de dezembro a editoria de cultura teve a mesma incidência que a editoria de cidades – sendo as duas temáticas de maiores incidências nas respectivas edições.

Essa situação demonstra também uma relação sociocultural com os dias da semana. Os jornais que foram exibidos nas vésperas do feriado<sup>8</sup> e dos finais de semana foram mais leves e atuaram como uma revista que mostrou quais eram as opções de lazer e cultura disponíveis no âmbito local/regional. Já as edições do início da semana atuaram em uma lógica *hard news*, com mais assuntos ligados à polícia, à cidade e à saúde. Observa-se, ainda, que os noticiários das sextas-feiras concederam mais dicas sobre o que fazer no final de semana (serviço), principalmente devido aos quadros temáticos "Dica Do/Da" e "Diversão e Arte". Já os telejornais dos sábados se dedicaram à cobertura dos eventos culturais para aquelas pessoas que resolveram não sair de casa, como as reportagens sobre festas juninas e ao vivo

sobre o evento de exposição de aeromodelismo que entrou duas vezes ao longo da edição de 15 de junho. Há, ainda, que se considerar a própria rotina produtiva do telejornal: nos finais de semana as equipes são reduzidas – o que demanda uma maior quantidade de matérias frias ou *de gaveta*.

Em um sentido mais amplo, verifica-se que o espaço televisivo do MG1 figura como uma continuidade do espaço social vivenciado pelo telespectador. O caso da Árvore do MG1, exibido em dezembro, permite observar como o espaço televisivo incorpora elementos simbólicos que fazem parte da cultura. O estúdio foi modificado (Figura 2), passando a receber uma árvore de Natal e presentes captados por meio de uma campanha institucional.

**Figura 2** – O espaço cênico e o espaço social no MG1



**Fonte:** Captura de imagem realizada pela autora em MG1 (2019).

Identifica-se também no *corpus* de análise a reincidência de uma composição audiovisual que busca a humanização através da singularização de uma população afetada pelo assunto. Evidencia-se, portanto, a *estrutura sanduíche* de construção da narrativa, composta pela ordem: personagem – fontes e dados oficiais – personagem. É o caso da matéria sobre os cortes no

programa Escola em Tempo Integral, exibida no dia 13 de junho. Essa mesma estrutura se repetiu em outra ocasião, na reportagem sobre a fiscalização de cotas na universidade, exibida no dia 11 de junho, conforme os *frames* a seguir (Figura 3), organizados de acordo com o tempo cronológico da reportagem.

<sup>8</sup> 13 de junho é o dia de Santo Antônio, padroeiro de Juiz de Fora. O feriado religioso no período de análise auxilia a compreender a quantidade de notícias da temática religião.

**Figura 3** – A estrutura “sanduíche” na estrutura da reportagem sobre cotas



**Fonte:** Montagem de frames realizada pela autora com captura de imagens da MGTV, 2019.

A reportagem começa com o depoimento da estudante Caroline Gerhein. Depois são exibidas artes com dados gerais das cotas na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), entrevistas com um advogado e com o representante da Diretoria de Ações Afirmativas da instituição e a passagem da repórter. A matéria então retorna com imagens da Caroline, cuja sonora encerra o VT. A *estrutura sanduíche* humaniza um assunto que lida com dados abrangentes e fontes oficiais. Um dos entrevistados da reportagem representa uma diretoria da UFJF. Já o espaço cênico em que o advogado faz parte ao conceder entrevista se mostra elitizado, com livros ao fundo e o corpo vestido de terno e gravata. A repórter também está de terno preto. Portanto, Caroline, que abre e fecha a reportagem, se mostra como a figura mais humana da notícia, tanto pelo lugar de onde fala, uma estudante negra e cotista, como pela posição social que ocupa: de uma minoria política

que busca ascensão social-econômica e a correção de uma história segregadora. Essa estrutura permite uma interlocução com a concepção de “democracia das paixões” de Fontcuberta (2006), devido à história de superação da personagem.

Com vistas à relação entre o telejornal e os jornalistas, percebe-se uma tentativa de configuração da imagem dos jornalistas envolvidos no *MG1* enquanto personagens não só da notícia, como já preconizava Vilas Bôas em sua tese de doutorado (2018), mas também como sujeitos do cotidiano. Essa visada se sustenta quando a apresentadora do *MG1* é entrevistada na reportagem sobre festa junina no dia 10 de junho (Figura 4), evento que faz parte de uma ação institucional da emissora mineira. Érica não só fala enquanto comunicadora social e apresentadora do então *MGTV*, mas também como participante de um evento tradicional de Juiz de Fora ao opinar que “essa festa foi uma delícia”.

**Figura 4** – Apresentadora do *MG1* em entrevista ao próprio telejornal



**Fonte:** Captura de tela realizada pelo autor em MGTV (2019).

A forma como os jornalistas interagem entre si também corrobora essa perspectiva. Tanto Érica Salazar como a apresentadora interina, Cláudia Oliveira, chamavam o repórter Leonardo Patrus pelo apelido, "Léo". Léo ainda brincou com Cláudia sobre a fama de casamenteiro de Santo Antônio na edição de 13 de junho, dia de Santo Antônio, ao dizer: "e você tá bem perto, né, Cláudia". Já pela fala da repórter Nayara de Paula, a apresentadora temporária foi chamada de "Claudinha", como a referiu no vivo no dia 15 de junho. Portanto, identifica-se uma dimensão de familiaridade entre os corpos que aparecem todos os dias nos diferentes espaços televisivos do telejornal regional. Essa intimidade torna-se visível pelos apelidos e pelas brincadeiras que fazem parte dos diálogos entre uma notícia e outra e que também está incorporada nas conversas cotidianas. Questiona-se até onde essa relação que envolve o telejornal e os jornalistas também se reflete em uma maior integração da audiência com os espaços televisivos.

Já em relação ao operador relativo aos canais de participação, foi identificado que os quadros temáticos atuaram como catalizadores da inserção do público no telejornal por meio de colaborações – sejam vídeos, perguntas ou serviços. Entre eles, estão os quadros "Dica Do/Da", "Diversão e Arte", "MG Responde" e "Tome Nota".<sup>9</sup> O primeiro demonstrou uma participação mais efetiva dos artistas da região por exibir vídeos gravados pelos próprios músicos. Ao mesmo tempo em que o telejornal cumpre uma função

social ao promover artistas locais e regionais, também mostra como a televisão tem criado canais para lidar com os processos comunicativos contemporâneos, como o fenômeno da audiência criativa (MARTINO, 2015). A estratégia da Érica Salazar no quadro *MG Responde* de ler as experiências da audiência antes de fazer as perguntas para o entrevistado, ou de falar alguma característica identitária, como o fato de ser uma "mãe preocupada com o filho", também se mostra como possível elo de identificação que compensa o fato de que a maioria das perguntas lidas no ar foi enviada por juiz-foranos ou sem explicitação da localização geográfica. A pergunta a seguir, lida pela apresentadora no "MG Responde" sobre a nova aposentadoria na edição do dia 10 de dezembro, reflete a constatação:

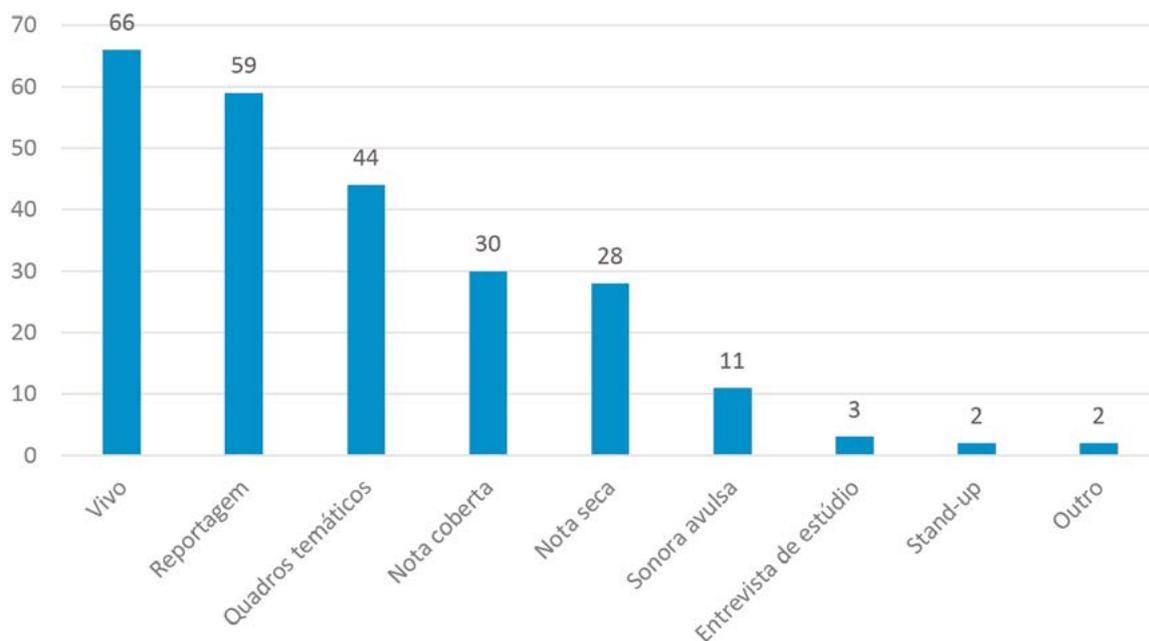
[Érica Salazar]: A Flávia tem 57 anos, 28 de contribuição. Disse que teve alguns anos de trabalho sem carteira e também com empresa no nome dela. E nesse tempo não recolheu INSS. Ela quer saber se tem como fazer esse recolhimento retroativo para se aposentar?<sup>10</sup>

Portanto, as experiências compartilhadas pela audiência por meio dos espaços televisivos parecem ser mais importantes no estabelecimento de uma sensação de inclusão/participação do que a simples menção da cidade de onde a pergunta foi enviada.

Para refletir sobre o operador da retórica da transmissão direta, identifica-se, em um primeiro momento, a quantidade de emprego do vivo em relação aos demais formatos (Gráfico 3).

<sup>9</sup> Foi observado que na transição do *MGTV 1ª Edição* para o *MG1* o quadro *Dica Do/Da* foi incorporado no quadro *Diversão e Arte*.

<sup>10</sup> Transcrição de trecho de reportagem transmitida no "MG1 Responde", em 10 dez. 2019. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=MG1+Responde&source=lmns&tbn=vid&bih=625&biw=1366&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwif-NC-2NXtAhUHBLkGHUoYBa4QAUoA3oECAEQAw>. Acesso em: 10 dez. 2019.

**Gráfico 3** – Os formatos noticiosos empregados pelo *MG1*

**Fonte:** Elaborado pelo autor (2019).

Na compilação das 12 edições analisadas, ao vivo foi o formato mais utilizado para veiculação da notícia. Mas é importante pontuar que na primeira coleta (junho), enquanto ainda era *MGTV*, ao vivo teve menor incidência que a reportagem e os quadros temáticos.<sup>11</sup> Na análise de dezembro, em cinco das seis edições coletadas, ao vivo foi o formato mais empregado no *MG1*. Os dados demonstram que o efeito de presente no telejornal ganha força com o emprego do ao vivo e, também, desponta como uma tendência oriunda das reformulações dos Praças 1. No entanto, a transmissão direta não se trata apenas das unidades do telejornal que entram ao ar no mesmo tempo da transmissão direta. É preciso observar como a *retórica* da transmissão direta é constituída pelo noticiário. No dia 13 de junho, por exemplo, quando o repórter Augusto Medeiros chama o repórter Leonardo Patrus para falar sobre ações de prevenção a incêndios em Barbacena, em nenhum momento diz que se trata de uma gravação, um *stand-up*. A forma como ocorre a edição leva a crer que se trata de um formato ao vivo. Somente no final,

quando Leonardo faz sua assinatura, fica claro que se tratava de uma gravação.

Por outro lado, a tentativa de fazer um jornal com efeito de presente constante aponta para configurações inéditas de temporalidades. No início dos anos 2000, Fechine (2003) propôs quatro configurações enunciativas, a partir da delegação de voz, que se articulam na transmissão do telejornal contribuindo para o efeito constante de presente, como se todas reportagens, notas cobertas e entrevistas (unidades que compõem o enunciado englobado), mesmo que gravadas (nesse caso seriam não concomitantes), tivessem o sentido de estar acontecendo no momento da transmissão do noticiário (no caso das notícias ao vivo, as unidades estariam em concomitância ao enunciado englobante) (FECHINE, 2003, p. 445).

As configurações do presente durativo no telejornal foram assim descritas: 1) *tempo real*: não há deslocamento temporal entre o apresentador e o repórter, é o caso da entrada ao vivo do repórter; 2) *tempo atual*: quando há um deslocamento temporal, já que a notícia que o apresentador

<sup>11</sup> Foram considerados quadros temáticos a previsão do tempo e os quadros fixos de comunidade, entrevista, cultura e institucionais, como o *G1* e a prévia do *Globo Esporte* local.

chama foi gravada, como reportagens e *stand-up*. Nessa unidade, englobada pelo telejornal, pode haver outros deslocamentos temporais, levando a terceira e a quarta configuração do presente durativo: a) *tempo real virtualizado*: quando o repórter em um enunciado englobado constrói sua enunciação sem realizar um novo deslocamento temporal; b) *tempo atual virtualizado*: quando o repórter no nível englobado precisa realizar novo(s) deslocamento(s) temporal(is) para construir seu enunciado (FECHINE, 2003, p. 449-450).

Com base na concepção de Fechine (2003) observa-se que o mapeamento das temporalidades estabelecidas pelo Praça 1 de Juiz de Fora tornou-se mais complexo após a reformulação editorial. Isso porque Fechine (2003) utilizou como temporalidade referencial a transmissão direta do estúdio, que nos inícios dos anos 2000 de fato atuava como o lugar central do telejornal. Hoje ainda ocupa, mas por vezes observa-se que essa posição referencial também divide o protagonismo com os repórteres que fazem as entradas ao vivo. No dia 9 de dezembro, por exemplo, a apresentadora (enunciado englobante) chama um comentário ao vivo sobre ações da câmara de vereadores de Juiz de Fora (enunciado englobado em tempo real/concomitante). Posteriormente, a repórter chama uma reportagem gravada. Neste momento, o tempo passa a ser atual, já que há uma diferença temporal. A repórter faz o papel de enunciado englobante enquanto a reportagem passa a ser a unidade englobada. Depois da reportagem, a enunciação volta para a repórter que chama outra repórter que também está ao vivo, estabelecendo novamente o tempo real. Só então retorna para o estúdio, finalizando a alternância entre enunciados englobantes e englobados e tempos real e atual. O protagonismo do repórter ao vivo na condução do noticiário também esteve em evidência no dia 12 de dezembro, quando no quadro "Alô Comunidade" o repórter esteve no ar por 24 minutos e 53 segundos, chamando matérias e sonoras, fazendo passagem de bloco, além de entrevistar populares e representantes do governo municipal.

A dimensão da proximidade nessas novas e imprevisíveis articulações entre as diferentes

temporalidades pode estar justamente na incorporação da instantaneidade que faz parte das tecnológicas dominantes no ecossistema midiático contemporâneo (SCOLARI, 2015). Por serem ágeis e fluídos, é difícil inclusive estabelecer um padrão de inserção das entradas ao vivo e dos demais formatos no telejornal.

Essa adequação do espaço televisivo do noticiário às tecnologias que fazem parte do ecossistema midiático (e, por que não, do cotidiano e do espaço do telespectador) também se reflete em outras instâncias do MG1. Alguns exemplos são a incorporação da *hashtag* #mg1\_JF e do *QR Code* na tela ao longo do telejornal que, por meio do *smartphone*, direciona o usuário para o site do MG1 na *internet*, a emergência do formato de faixa/tarja informativa na parte inferior da tela, onde constam detalhes da notícia e a exibição das temperaturas nas diferentes cidades da área de cobertura e o uso do aplicativo de tráfego para dispositivos móveis *Waze* para mostrar a situação do trânsito nas ruas e avenidas de Juiz de Fora. Neste caso, a interface do aplicativo no *tablet* é espelhada no telão do estúdio e a apresentadora faz comentários e utiliza o recurso de zoom nas vias onde o tráfego está lento.

### Considerações finais

A discussão teórica em conjunto com a análise aponta para duas constatações: a primeira é que diante de uma sociedade globalizada, em que o desenvolvimento dos transportes, das telecomunicações e das novas mídias desestabilizam as fronteiras – dificultando inclusive sua identificação de forma rígida – é preciso romper com a percepção dos jornalismo locais e regionais apenas como produzidos/consumidos em uma determinada área geográfica. Essa percepção abre caminhos para repensar um dos preceitos-chave que envolve a temática: a noção de proximidade, que é abordada neste trabalho enquanto uma relação.

Conforme também enfatiza Hess e Waller (2017) na proposição do modelo *geossocial*, não se trata de afirmar que a geografia não importa: reconhece-se que o espaço físico é um importante

elemento de identificação, porém, é demonstrado que há fatores simbólicos que também perpassam pelos jornalismo locais e pelas relações de proximidade. O contato com a empiria apontou alguns desses elementos, como a performance descontraída dos jornalistas, a composição audiovisual das reportagens (edição), a presença de valores morais que fazem parte da sociedade e da cultura brasileira (família, superação, religião), a própria valorização do tempo presente via retórica da transmissão direta, a possibilidade de participação do telespectador e a organização das temáticas que prioriza a constituição de um cotidiano pelo telejornal e as informações úteis para o dia a dia dos públicos (serviço).

Cabe a ressalva de que alguns desses elementos que contribuem para um sentido de proximidade também são excludentes. Ao se priorizar um perfil de mineiridade, é realizada uma distinção entre o *eu/nós referencial* e os *outros*. Essa situação ficou mais clara ao identificar que todas as sete notícias da temática de religião veiculadas no período de análise eram de festividades e santos católicos. Portanto, é coerente afirmar que a proximidade também possui uma dimensão de exclusão e de demarcação das diferenças e indiferenças.

O reconhecimento dos espaços televisivos no âmbito dos telejornais regionais, por meio dos trabalhos de Eco (1984) e de Leal e Valle (2008), é importante para observar os aspectos de composição dos noticiários que atuam como catalizadores da proximidade, entre eles, os corpos, os sentidos de construção de verdade e o cenário. Ainda é possível dizer que tais espaços, diante do contato frequente com o telespectador, também respondem por uma dimensão de proximidade: é no hábito de assistir à tevê, em uma conjugação entre a experiência e o tempo, que o usuário se torna íntimo do telejornal e o reconhece também como sendo parte de seu(s) local(is).

Como última consideração, vale ainda uma reflexão acerca da atualização do *MGTV 1ª Edição*, da primeira coleta, para o *MG1*, da segunda coleta. Muitas das mudanças evidenciadas podem ser abordadas enquanto tentativas de tornar os novos

espaços televisivos mais próximos do cotidiano do usuário/telespectador. Além da mudança do cenário, do uso de forma explícita de aplicativos para dispositivos móveis e da linguagem cada vez mais descontraída, identifica-se que a valorização do efeito constante de presente tenha sido a principal mudança do *Praça 1* – principalmente pelo uso do tempo real (FECHINE, 2003) entre os enunciados englobantes e englobados.

Denota-se que entrada ao vivo não é empregada apenas como um formato da notícia, mas também como um critério de noticiabilidade. O ao vivo na escala do noticiário frequentemente era anunciado enquanto uma manchete do *MG1*, com uma faixa grande onde estava escrito “ao vivo no *MG1*”. Reflete-se, por mais polêmica que seja tal proposição, sobre o que é mais privilegiado pelo noticiário: o simples fato de entrar ao vivo ou o conteúdo de tais externas. A quantidade de vivos ao longo das edições é muito semelhante, variando de cinco a nove incidências na segunda semana de análise – assim, parece mais importante o fato de ter uma determinada quantidade de chamadas ao vivo do que essa quantidade variar de acordo com os acontecimentos sociais da área de cobertura do *MG1*. É como afirmar, ainda que hipoteticamente, que um acontecimento que permite a realização de um vivo tem maior probabilidade de entrar no *script* do telejornal do que outro em que há maior dificuldade para se enquadrar em tal formato. Essa tendência pode ser vista como uma tentativa do telejornal em incorporar a agilidade e o tempo presente das interações oriundas das mídias digitais.

De forma paralela e complementar, a pesquisa ainda permite refletir, em estudos futuros, acerca da configuração dos espaços televisivos em diferentes dispositivos, como os *smartphones*. Se o telejornal é produzido pensando na sua visualização em diferentes mídias/telas e no engajamento do usuário (as presenças do *QR Code* e das *hashtags* na tela são alguns exemplos), é possível reforçar o argumento de que há uma variedade de espaços televisivos, visto que esses emergem de acordo com a experiência do espectador no hábito de assistir à televisão – o

que inclui não só a inserção do noticiário em seu cotidiano, mas também a maneira como o usuário se apropria do telejornal.

## Referências

AGUIAR, Sônia. **Territórios do Jornalismo**: geografias da mídia local e regional no Brasil. Petrópolis: Vozes/ Editora PUC Rio, 2016.

CAMPONEZ, Carlos. **Jornalismo de proximidade**. Coimbra: Minerva, 2002.

CANNITO, Newton. **A televisão na era digital**: interatividade, convergência e novos modelos de negócio. São Paulo: Summus, 2010.

CASTELLS, Manuel. **The power of identity**. Chichester: Blackwell Publishing, 2010.

ECO, Umberto. **Tevê: a transparência perdida**. In: ECO, Umberto. **Viagem na irrealidade cotidiana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p. 182-204.

FECHINE, Yvana. O estatuto semiótico do tempo nas transmissões diretas do telejornalismo. In: FRANÇA, Vera; WEBER, Maria Helena; PAIVA, Raquel; SOVIK, Liv (org.). **Livro do XI Compós**: Estudos de Comunicação ensaios de complexidade. Porto Alegre: Sulina, 2003. p. 442-464.

FECHINE, Yvana. **Televisão e Presença** – uma abordagem semiótica da transmissão direta. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2008.

FONTCUBERTA, Mar. Temário. In: FONTCUBERTA, Mar; BORRAT, Héctor. **Periódicos**: sistemas complejos, narradores en interacción. Buenos Aires: La Crujia ediciones, 2006.

GLOBO. TV Integração Juiz de Fora. Disponível em: <https://negocios8.redeglobo.com.br/Paginas/Exibidoras.aspx?e=91>. Acesso em: 16 dez. 2019.

GOLDING, Peter; ELLIOT, Philip. **Making the news**. London: Longman, 1979.

GOMES, Itania. Metodologia de Análise de Telejornalismo. In: GOMES, Itania (org.). **Gênero televisivo e modo de endereçamento no telejornalismo**. Salvador: EDUFBA, 2011. p. 17-48. <https://doi.org/10.7476/9788523211998>.

GUTMANN, Juliana. **Formas do telejornal**: um estudo das articulações entre valores jornalísticos e linguagem televisiva. 2010. 270 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) – Faculdade de Comunicação Social, UFBA, Salvador, 2012.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

HESS, Kristy; WALLER, Lisa. **Local journalism in a digital world**. London: Palgrave, 2017. <https://doi.org/10.1057/978-1-137-50478-4>.

HILL, Annette. **Restyling Factual TV**. London/New York: Routledge, 2007. <https://doi.org/10.4324/9780203099735>.

LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia**. 4. ed. Florianópolis: Insular, 2012.

LEAL, Bruno. Do corpo como texto: na mídia, na rua. **Revista Fronteiras** (UNISINOS), [s. l.], v. 8, n. 2, p. 144-151, 2006. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/6128>. Acesso em: 21 nov. 2019.

LEAL, Bruno; VALLE, Flávio. O telejornalismo entre a paleo e a neotevê. **Contemporanea**, [s. l.], v. 6, n. 1, p. 1-13, 2008. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaaposcom/article/view/3513>. Acesso em: 12 out. 2019.

MARTINO, Luís Mauro. **Teoria das Mídias Digitais**: linguagens, ambientes e redes. Petrópolis: Vozes, 2015.

MG1 Zona da Mata e Campo das Vertentes. **Globo-play [on-line]**. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/7690436/programa/>. Acesso em: 20 dez. 2019.

OLIVEIRA FILHO, José Tarcísio. Proximidade no telejornalismo local e regional: uma proposta de sistematização. **Revista Fronteiras** – estudos midiáticos, [s. l.], v. 21, n. 2, p. 102-115, 2019. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2019.212.10>. Acesso em: 3 dez. 2019. <https://doi.org/10.4013/fem.2019.212.10>.

OLIVEIRA FILHO, José Tarcísio. Proximidade em programas televisivos: perspectivas no telejornalismo local e regional. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO (COMPÓS), 27., 2018, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: Compós, 2018.

PERUZZO, Círcia. Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências. **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo, Póscom-Umesp, v. 26, n. 43, p. 67-84, 2005. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/8637>. Acesso em: 08 nov. 2019. <https://doi.org/10.15603/2175-7755/cs.v26n43p67-84>.

SCOLARI, Carlos (org.). **Ecología de los medios**: entornos evolucionales e interpretaciones. Barcelona: Gedisa Editorial, 2015.

SILVA, Gislene. Para pensar critérios de noticiabilidade. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, [s. l.], v.2, n. 1, p. 95-107, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2091>. Acesso em 27 ago. 2019.

SOUSA, Jorge Pedro de. **Comunicação regional e local na Europa Ocidental**: situação geral e os casos português e galego. Covilhã: UBI, 2012. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-comunicacao-regional-na-europa-ocidental.pdf>. Acesso em: 07 jul. 2019.

VILAS BÔAS, Valéria. **Contar não é o mesmo que viver**: jornalismo e subjetividade na atuação do repórter na televisão brasileira contemporânea. 2018. 370 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) – Faculdade de Comunicação Social, UFBA, Salvador, 2018.

WILLIAMS, Reymond. **Televisão**: tecnologia e forma cultural. Tradução Márcio Serelle; Mário F. I. Viggiano. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016. [Livro Digital].

---

### **José Tarcísio Oliveira Filho**

Doutor em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em Belo Horizonte, MG, Brasil. Professor do Curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de Roraima (UFRR), em Boa Vista, RR, Brasil.

---

### **Endereço para correspondência**

José Tarcísio da Silva Oliveira Filho

Universidade Federal de Roraima

Centro de Comunicação, Letras e Artes - Curso de Comunicação Social/Jornalismo

Travessa Capitão Ene Garcez

Aeroporto, 69310003

Boa Vista, RR, Brasil